



ARISTÓFANES DO GREGO PARA O CEARENSÊS: UMA DESLEITURA DA COMÉDIA GREGA ANTIGA?

Ana Maria César Pompeu (UFC)

RESUMO: A comédia de Aristófanes vincula necessariamente a boa vida do campo à paz na cidade revelando os artifícios da linguagem urbana que reproduzem a guerra. A tradução das comédias *Acarñenses* e *Paz*, de Aristófanes, para o cearensês apresenta alternativas de expressividade da língua portuguesa, na linguagem matuta característica do homem do interior do Ceará no nordeste brasileiro, para a expressividade da comédia aristofânica, reconhecendo a forte inspiração da musa da comédia na cultura cearense e promovendo a aproximação de duas culturas distantes no tempo e no espaço, mas aproximadas na expressividade cômica da vida no campo diante da cidade. Em *Acarñenses*, a paz de Diceópolis é particular (mas ele representa uma cidade justa), já na peça *Paz* Trigeu resgata a deusa Paz para todos os gregos. Podemos identificar a figura do poeta cômico e sua poética acerca da gênese da comédia, ao atribuir a paz ao deus Dioniso, através do vinho, representado nas palavras Trigédia e Trigeu, em *Acarñenses* e *Paz*, respectivamente. O radical comum dessas palavras é *tryx*, *trygós*, que significa borra de vinho ou vinho novo. Traduzimos os personagens do campo de *Acarñenses* para o cearensês matuto e comprovamos que houve um ganho ou uma recuperação da expressividade cômica para os camponeses aristofânicos. A comédia *Paz*, que traz camponeses mais rústicos e expressões mais obscenas no sentido escatológico, recuperará parte de sua expressividade ao se despir dos artifícios da linguagem civilizada e se vestir com a natureza matuta, mas agora cearense em vez de ateniense, numa desleitura e desescrita da comédia grega antiga.

Palavras-chave: Aristófanes. Cearensês matuto. Comédia grega antiga. Desleitura.

A comédia de Aristófanes vincula necessariamente a boa vida do campo à paz na cidade revelando os artifícios da linguagem urbana que reproduzem a guerra.

JUSTINÓPOLIS

[...]

Mas nunca, desde q'eu tomo bãe,

Meu' zói ardero tanto cum sabão

Do jeito d' agora, num dia de assemblea regulá

De manhãzinha, ói aí esta Pnix sem viv' alma,

O pessoá na praça tagarela e pra baxo e pra riba

Foge da corda que pinta a gente de vermei.

Os prítane nada de chegá, e fora de hora

Quando eles aparece, pense no impurra-impurra,

Uns por riba dos ôtro pra pegá o banco da frente,
Corre é uma ruma de gente; mas como a paz
Vai sê, num dão nem bola; ó cidade, cidade.
Euzin aqui, ó, chego sempre primêro que todo mundo
Na assemblea e fico sentado. E aí, como tô só mermo,
Lastimo, fico de boca aberta, dô uma ispriguiçada, peido,
Fico aperriado, faço uns traço, arranco os pelo, fico matutano,
De oi no campo, apaxonado pela paz,
Cum ódio da cidade, cum saudade do meu povoado;
Ele nunca me disse: “compra calvão”,
Nem vinagre, nem azeite, nem sabia o que era “compra!”
Tudo ele dava e num tinha o “Compra aí! Compra aí!”.
Intão agora chego mermo bem disposto
Pra gritá, pra atrapaiá, pra brigá c’os oradô,
Se algum falá d’ ôtra coisa que num seja da paz.
Oi’ aí os prítane chegano no mei do dia.
Eu num falava? É o q’eu dizia:
Pros banco da frente é tudo no impurra-impurra.
(ARISTÓFANES. *Acarñenses*, v.17-42. Nossa tradução)

A tradução das comédias *Acarñenses* e *Paz*, de Aristófanes, para o cearensês apresenta alternativas de expressividade da língua portuguesa, na linguagem matuta característica do homem do interior do Ceará no nordeste brasileiro, para a expressividade da comédia aristofânica, reconhecendo a forte inspiração da musa da comédia na cultura cearense e promovendo a aproximação de *duas* culturas distantes no tempo e no espaço, mas aproximadas na expressividade cômica da vida no campo diante da cidade.

A tradução para o cearensês da comédia *Acarñenses* de Aristófanes, publicada em 2014 no livro *Dioniso matuto* (POMPEU, 2014), não se caracteriza como etnocêntrica, ou seja, aquela que, “fundada sobre a primazia do sentido, [...] considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar” (BERMAN, 2013, p. 45), pois ela procura ser fiel na aproximação ao original grego em muitos aspectos.

Em *Acarñenses*, a paz de Diceópolis é particular (mas ele representa uma cidade justa), já na peça *Paz* Trigeu resgata a deusa Paz para todos os gregos. Podemos identificar a figura do poeta cômico e sua poética acerca da gênese da comédia, ao atribuir a paz ao deus Dioniso, através do vinho, representado nas palavras trigédia e Trigeu, em *Acarñenses* e *Paz*, respectivamente. O radical comum dessas palavras é *tryx*, *trygós*, que significa borra de vinho ou vinho novo.

É a festa do vinho novo que traz a paz aos campos e à cidade, assim como no teatro de Dioniso a comédia celebra a vida, no voo de um besouro comedor de fezes, simbolizando a própria comédia, pilotado por um vindimador, Trigeu, que representa o

poeta cômico, com o objetivo de libertar a deusa Paz das garras da Guerra, ou salvar as cidades gregas da destruição, na peça *Paz*.

Da mesma forma que a cidade justa, Justinópolis, em *Acarnenses*, financiou a paz particular para si e a sua família, paz que vem como vinho de 30 anos. Dioniso está presente em *Acarnenses* através do vinho das tréguas e nos festivais dionisíacos que serão celebrados por Diceópolis. As Dionísias rurais começam a ser celebradas, e o entoador do canto a Fales é também o protagonista, interrompido pelo coro com ameaças; e, no final da peça, Dioniso estará presente através de um outro festival, as Antestérias, que já se iniciaram e vão se concluir, como uma continuação do primeiro ritual apresentado. Entre os dois rituais, Diceópolis, em seu discurso de defesa, disfarçado de Télefo, diz “este é o concurso das Leneias”, o concurso no qual a comédia atual está concorrendo; Aristófanes, ao que parece, queria enfatizar as homenagens a Dioniso nos diversos festivais.

O primeiro festival, as Dionísias rurais, traz a paródia de um canto fálico, entoado por Diceópolis, o protagonista, que se confunde com o poeta no discurso de defesa; tal canto estaria nas origens da comédia, de acordo com Aristóteles. Observando os elementos do canto, as principais características da comédia estão presentes: sexo, bebedeira, comilança e paz. No entanto será melhor analisar não apenas o canto, mas todo o contexto no qual ele se insere, uma vez que encontraremos na procissão, além do falo, o cesto de primícias, a família, o sexo que gera filhos, a bebida, através de Dioniso, a comida, pelas primícias do cesto, e a eliminação de gases, que pode representar as outras eliminações da bebida e da comida, também presentes na comédia. E mais: o cantor ou poeta, o espectador, e a censura disfarçada nas alegrias de se livrar dos problemas da cidade em guerra e ainda a menção do nome de um dos representantes da guerra: Lâmaco. Esse estado de espírito aqui referido como uma representação é o proporcionado pela comédia, quando o cidadão assiste ao camponês, que traz o campo para a cidade; no momento em que faz o espectador rir do matuto, este mostra as máscaras e artifícios da vida na cidade.

A festa para os gregos era, sem dúvida, presidida por Dioniso, o deus do delírio báquico, que traz consigo a libertação de todas as amarras, levando o homem a sair de si, em êxtase, através da incorporação do deus, no entusiasmo. É também o patrocinador do Teatro, do espetáculo, que pressupõe o espectador. Os concursos dramáticos são parte de seus festivais, que contêm muitos outros concursos: de foliões, *kômoi*, de músicos, de bebedeiras, de corridas, entre outros; há sacrifícios, procissões, abertura de tonéis de

vinho, casamento sagrado, por exemplo. Dioniso seria o deus que simbolizava a comunhão entre divindade e humanidade, quando revela a participação pelo delírio do celebrante de seu culto em festa, ao se integrar a ele sendo bebido como vinho. O teatro seria a consciência da festa e do sacrifício. Eurípides e Aristófanes personificaram o deus Dioniso em 405, com *As Bacantes* e *As Rãs*, respectivamente. Eurípides, em *As Bacantes*, mostra o aspecto terrível do deus quando não tem o seu culto bem acolhido pela cidade, no despedaçamento de Penteu pelas Bacantes, lideradas pela mãe da própria vítima; Aristófanes, em *As Rãs*, mostra o deus como um juiz do teatro trágico, numa descida ao mundo dos mortos, onde os tragediógrafos jaziam, para o resgate do teatro e da cidade.

Deméter é a deusa da natureza, é a própria Terra Mãe: *De/Ge* “Terra” e *meter* “mãe”. O campo representa a própria vida para a comédia. É o portador da paz. Anfiteo, o ‘ambideus’, vem de Deméter por sua genealogia, é chamado *spondophoros* (216), o “carrega-trégua”, nome oficial daquele que anunciava as tréguas pela cidade, durante os festivais como os Mistérios de Elêusis ou os Jogos Olímpicos (Bowie, 1993, p. 21), e também com Dioniso, o deus ambíguo, de dois nascimentos, que se liga à vida e à morte, ao choro e ao riso, ao masculino e feminino, à ausência e à presença, à regeneração e ao despedaçamento, ao sexo e à assexualidade, ao campo e à cidade.

As festas juninas do Brasil trazem o campo para a cidade através do estabelecimento de um arraial, cenário matuto, com quadrilhas, fogueiras, casamentos, comidas, bebidas, e principalmente o falar característico do camponês nordestino, que, ao provocar o riso do cidadão, quebra e faz cair a máscara dos artifícios da civilização diante da pureza e rusticidade da natureza matuta. “São João na Roça” ou, simplesmente, “São João”, são as formas mais conhecidas para as Festas Juninas no Brasil. É uma festa que se comemora em todo o país, mas é na região nordeste (e norte) que ela toma dimensões expressivas. Suas origens parecem se ligar à França do século XII²⁸, por ocasião do solstício de verão, que é o dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho, no hemisfério norte, período de festa da fertilidade iminente. Depois de serem transformadas em comemorações religiosas cristãs, foram trazidas de Portugal pela Igreja Católica ao Brasil, onde tiveram o acréscimo cultural do negro e do índio. Comemoram três santos da Igreja Católica: Santo Antônio, São João e São Pedro, santos populares, homenageados com uma festa do povo, na transposição teatral do campo para a cidade, com a representação do espaço rural, ao se determinar o arraial, um terreno tornado terreiro, enfeitado com bandeirinhas coloridas, fogueiras; ali, ao som do forró, se dançam quadrilhas, que contêm uma encenação de casamento matuto, com personagens típicas da

roça, as vestimentas coloridas de tecido grosseiro, chapéus de palha, maquiagem exagerada. Há bebidas e comidas típicas da região e da época: produtos do milho, mandioca, cana; bolos, pamonhas, canjica, aloá, caipirinha, cachaça.

No Ceará, Estado do Nordeste brasileiro, na cidade de Barbalha, na qual o padroeiro é Santo Antônio, há uma procissão no primeiro domingo de junho, que transporta o tronco de uma árvore, previamente escolhida e derrubada, da floresta local até a igreja matriz, onde é hasteada a bandeira do santo, e ali fica plantado o tronco até o final do mês. O “pau de Santo Antônio”, como é chamado pelo povo, teria “poderes casamenteiros”, como o próprio santo, e sua casca é utilizada em chás, para este fim. As moças solteiras se roçagam no tronco para conseguir casamento. Durante o “cortejo do pau”, há bebedeira geral. Percebemos que este ritual mistura tradição pagã e católica.

Da mesma forma que o teatro ateniense trazia a comédia diante da cidade desmascarando os artifícios comerciais e guerreiros e provocando o riso no intervalo da guerra com o interlúdio cômico. Traduzimos os personagens do campo de *Acarneuses* para o matuto cearensês e comprovamos que houve um ganho ou uma recuperação da expressividade cômica para os camponeses aristofânicos.

JUSTINÓPOLIS

Vam' orá, vam' orá!

Que vá um poquin pra frente a canéfora.

O Xântias vai butá o pau reto.

Bota pra baixo o cesto, fia, pra gente cumeçá.

FILHA

Mãe, me d'ái a cuié de pirão,

Pr'eu ispaia o pirão por riba deste bolo aqui.

JUSTINÓPOLIS

É, tá mermo bom. Ó sinhô Dioniso,

Que seja do teu gosto esta procissão que eu

Mando segui e ofereço sacrífice cum's de casa.

Possa eu celebrá com boa sorte as Dionísia matuta,

Apartado da tropa. Que as minhas trégua

Eu possa celebrá bem as de trint' ano.

Vamo, ó fia, bunita como tu é, bunito o cesto tu

Vai levá, c'uma cara de quem cumeu e num gostô. Que feliz

Quem casá cuntingo e fizé umas gatinha,

Q'elas num peide menos que tu, quando amanhecê.

Anda, e cuidado pra que no mei desse povo todo

Alguém iscundido não te roa os teus ôro.

Ó Xântia, é prciso que vocês dois leve reto

O pau atrás da canéfora.

E eu seguino vô cantá o hino do pau.

E tu, ó muié, fica assistino eu lá do teiado, vai.

Phales, cumpanhêro de Baco,

Cum ele fulia, perambula de noite, pula cerca, amadô de rapaz,

Dispois de seis ano falo cuntingo e volto feliz pro meu povoado,

Por tê feito trégua pra mim, que de confusão, de bataias
E dos Combatão tô apartado.
É que é muito mais agradave, ó Phales, Phales!
Incontrá no rôbo uma lenhadora moça,
A escrava Trata do Estrimodoro, vindo lá do monte,
Levantá ela pelo mei, jogá ela no chão e tirá o caroço dela.
Phales, Phales!
Se tu bebê cum a gente, na saída da bebedêra,
De manhã tu vai inguli um pratão da paz;
E o iscudo vai tá pindurado na larêra.
(ARISTÓFANES. *Acarnenses*, v. 240-278. Nossa tradução.)

A comédia *Paz*, que traz camponeses mais rústicos e expressões mais obscenas no sentido escatológico, recuperará parte de sua expressividade ao se despir dos artifícios da linguagem civilizada e se vestir com a natureza matuta, mas agora cearense em vez de ateniense, numa desleitura e desescrita da comédia grega antiga.

Criado 1
Taca taca bolo ligerin p'ro rolabosta!
Criado 2
Taí! Dá p'ra ele, pr'a vê s'essa coisa ruin morre
e nunca mais vai cumê bolo docin que nem esse.
Criado 1
Dá ôto bolo, das bosta amassada dos burro.
Criado 2
Taí mais de novo. Cadê o que tu trôxe ind'agora?
Cumeu tudo?
Criado 1
Não, pur Zeus, mas agarrou foi
tudin, fez os bolin cun's pés e inguliu.
Mas ligerin amassa umas ruma bem miudinha.
Criado 2
Homes ajuntadô de'strume, ajude pelos deuse,
Se ocês num quiser me vê morrê sem forgo.
Criado 1
Dá ôta e mais ôta, dum menino prostituto:
amassadinha, ele diz que gosta assim.
Criado 2
Taí.
D'uma coisa, homes, tô livrin da silva:
num tem quem diga qu'eu como o que amasso.
Criado 1
Ai ai! Traz mais ôto e ôto e mais ôto,
e amassa mais ôtos.
Criado 2
Deus alumiadô, eu mermo não!
Num guento mais não o fedô da privada.
Criado 1
Todinha intão eu vô é levá a privada.
Criado 2
É, pai do céu, pr'os urubu e também p'ra tu!

E ocês, se argum subé me vá dizem,
onde é qu'eu compro umas venta sem buraco.
Pois num tem serviço mais mulesto
do que pr'um rolabosta amassá o de cumê.
Um porco ou um cão do jeitin que um caga
sem s'importá, cai em riba; mas isso aí de orguio
só qué sê as prega e num qué comê,
s'eu num lhe dé dispois de amassá o dia todin,
do jeito qu'amasso uma torta pr'uma muiezinha.
Mas se ele acabô o de comê eu vô é isponá
daqui, abrino um poquin a porta, pr'ele num me vê.
Cai em riba, que num acabe nunca de cumê
inté que se espoque sem nem num notá.
Como ele s'intorta pra cumê, o mardito,
do jeito dum lutadô, arreganhano os dente,
e isto cum a cabeça e c'as duas mão
assim inrolano, do jeitin dos qu' as corda
grossa vão rebolano nos navi de carga.
Mundiça a coisa, fedorenta e glutona,
e de qual é dos deuse esse prodijo
num sei. D'Afrodita é que num me aparenta,
nem das Graça mermo.
Criado 1
De quem é?
Criado 2
Num tem como
isso num sê o sinal de Zeus caiga raio.
(ARISTÓFANES, *Paz*, v. 1-42. Nossa tradução.)

Conclusão

Nossa experiência com a tradução matuta da comédia aristofânica tem apresentado que pelas supostas “desleitura” e “desescrita” do texto grego do século V a.C. conseguimos nos aproximar de forma mais legítima da expressividade cômica pela oralidade tão bem expressa do falar matuto e cearense, por ser “de casa”, isto é, traduzimos para nós e do nosso jeito, com o propósito de conversar com Aristófanes com maior intimidade.

Referências

ARISTOPHANE. *Les acharniens, lês cavaliers, lês nuées*. Texte établi par Victor COULON et traduit par Hilaire VAN DAELE. Cinquième édition revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1952 (Collection dès Universités de France)

ARISTOPHANES. *Acharnians*. Edited with introduction and commentary by S. Douglas Olson. Oxford: 2002.

ARISTOPHANES. *Aristophanes Comoediae*, ed. F.W. Hall and W.M. Geldart, vol. 2. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford. Clarendon Press, Oxford. 1907.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução Marie Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2ª edição. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

COMPTON-ENGLE, Gwendolyn. "From country to city: the persona of Dicaeopolis in Aristophanes' *Acharnians*". *The Classical Journal* 94.4, p. 359-73, 1999.

DOURADO, Otoniel Ajala; MELO, Karen Alves. *Dicionário de cearês e matutês*. 2ª edição. Fortaleza: SOS Direitos Humanos, 2013 (1ª edição 2011).

POMPEU, Ana Maria César. *Dioniso Matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*. Curitiba: Appris, 2014.